

OS IMPACTOS DA AUSÊNCIA DE SUPORTE EMOCIONAL E DE ORIENTAÇÃO ÀS MÃES ATÍPICAS APÓS O DIAGNÓSTICO DE TEA

THE IMPACTS OF THE LACK OF EMOTIONAL SUPPORT AND GUIDANCE FOR ATYPICAL MOTHERS AFTER THE ASD DIAGNOSIS

LOS IMPACTOS DE LA AUSENCIA DE APOYO EMOCIONAL Y ORIENTACIÓN A LAS MADRES ATÍPICAS DESPUÉS DEL DIAGNÓSTICO DE TEA

Raimunda Vaney Bezerra da Costa¹
Laiane Oliveira da Rocha²
Ítalo Bruno Lima Nonato³

RESUMO: O presente estudo aborda a relevância do suporte emocional e da oferta de orientações adequadas às mães e responsáveis após o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA). A partir do reconhecimento das demandas emocionais vivenciadas por mães atípicas nesse contexto, a pesquisa tem como objetivo compreender as repercussões psicológicas e sociais associadas à ausência de suporte emocional e de orientações psicoeducativas direcionadas a esse público. Busca-se, ainda, analisar de que forma a insuficiência desse amparo pode contribuir para o adoecimento psíquico materno após a confirmação do diagnóstico, considerando os impactos dessa vivência na dinâmica familiar e na qualidade de vida dessas mulheres. Os achados evidenciam a importância do fortalecimento das redes de apoio formais e informais, bem como da implementação de intervenções que promovam acolhimento, escuta qualificada e orientação às mães e responsáveis. Tais estratégias mostram-se fundamentais para a promoção da saúde mental, redução do sofrimento psíquico e melhoria das condições de enfrentamento diante do diagnóstico, contribuindo para uma assistência mais humanizada e integral às famílias.

Palavras-chave: Autismo. Mães atípicas. Desafios no autismo.

ABSTRACT: This study addresses the relevance of emotional support and the provision of appropriate guidance to mothers and caregivers following the diagnosis of Autism Spectrum Disorder (ASD). Based on the recognition of the emotional demands experienced by atypical mothers in this context, the research aims to understand the psychological and social repercussions associated with the lack of emotional support and psychoeducational guidance directed at this population. It also seeks to analyze how the insufficiency of such support may contribute to maternal psychological distress after the confirmation of the diagnosis, considering the impacts of this experience on family dynamics and on the quality of life of these women. The findings highlight the importance of strengthening formal and informal support networks, as well as implementing interventions that promote welcoming environments, qualified listening, and guidance for mothers and caregivers. Such strategies are essential for promoting mental health, reducing psychological distress, and improving coping conditions in the face of the diagnosis, contributing to a more humanized and comprehensive form of care for families.

Keywords: Autism. Atypical mothers. Challenges in autism.

¹Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário FAMETRO.

²Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário FAMETRO.

³Professor Orientador pelo Centro Universitário FAMETRO.

RESUMEN: Este estudio aborda la relevancia del apoyo emocional y la provisión de orientaciones adecuadas a las madres y cuidadores tras el diagnóstico del Trastorno del Espectro Autista (TEA). A partir del reconocimiento de las demandas emocionales experimentadas por las madres atípicas en este contexto, la investigación tiene como objetivo comprender las repercusiones psicológicas y sociales asociadas a la falta de apoyo emocional y de orientaciones psicoeducativas dirigidas a esta población. Asimismo, busca analizar cómo la insuficiencia de dicho apoyo puede contribuir al malestar psicológico materno después de la confirmación del diagnóstico, considerando los impactos de esta experiencia en la dinámica familiar y en la calidad de vida de estas mujeres. Los hallazgos destacan la importancia de fortalecer las redes de apoyo formales e informales, así como de implementar intervenciones que promuevan espacios de acogida, escucha cualificada y orientación para madres y cuidadores. Tales estrategias son fundamentales para promover la salud mental, reducir el malestar psicológico y mejorar las condiciones de afrontamiento frente al diagnóstico, contribuyendo a una atención más humanizada e integral para las familias.

Palabras clave: Autismo. Madres atípicas. Desafíos en el autismo.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo aborda a importância do suporte emocional e da orientação adequada às mães e responsáveis após o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Historicamente, o autismo passou a ser descrito em manuais médicos de classificação apenas no final da década de 1980, sob a denominação de Transtorno Autista. Antes disso, era compreendido a partir de uma perspectiva psicodinâmica, sendo associado a uma forma de psicose infantil e frequentemente discutido na literatura por meio de estudos de casos clínicos conduzidos por psicanalistas (CARVALHO et al., 2025).

Segundo Scamati, Cantorani e Picinin (2025), a presença de alunos com TEA em classes regulares no Brasil tem se tornado cada vez mais frequente. Entre os anos de 2003 e 2015, observou-se um crescimento de 425% nas matrículas em turmas comuns voltadas ao público-alvo da Educação Especial, grupo que inclui estudantes com TEA. Essa realidade impõe às instituições de ensino o desafio de atender às diferentes demandas educacionais e de desenvolver estratégias que garantam uma inclusão efetiva.

O diagnóstico do TEA, por si só, não determina o destino ou o modo de vida do indivíduo. Entretanto, está atravessado por significados socialmente construídos que podem reforçar estigmas, limitar possibilidades e favorecer processos de exclusão social. Dessa forma, a maneira como o diagnóstico é compreendido pela sociedade influencia diretamente as experiências vividas pela pessoa diagnosticada e por sua família. Além disso, a confirmação diagnóstica pode gerar impactos significativos no contexto familiar, desencadeando tanto

processos de adaptação e reorganização quanto experiências marcadas por sofrimento emocional e sobrecarga nos cuidados (PINTO; CONSTANTINIDIS, 2020).

Nesse contexto, reconhece-se a relevância do suporte emocional e das orientações psicoeducativas às mães atípicas, especialmente no período posterior à confirmação diagnóstica. Assim, este estudo tem como objetivo compreender as repercussões psicológicas e sociais decorrentes da ausência de apoio emocional e de orientações adequadas destinadas às mães de crianças com TEA, bem como investigar de que maneira essa carência de amparo pode contribuir para o adoecimento psíquico materno.

Como objetivos específicos, busca-se: identificar os principais desafios psicossociais enfrentados pelas mães no período pós-diagnóstico; analisar a relação entre a fragilidade ou ausência de redes de apoio, formais e informais, e o desenvolvimento de quadros de estresse, ansiedade e burnout materno; e discutir a relevância da psicoeducação e do acompanhamento psicológico contínuo como estratégias fundamentais para a promoção da saúde mental na díade mãe-filho.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. O IMPACTO DO DIAGNÓSTICO E A RESSIGNIFICAÇÃO DA MATERNIDADE

3

2.1.1. O Luto do Filho Idealizado e o Acolhimento Institucional

O diagnóstico de uma doença ou síndrome crônica em uma criança mobiliza uma ampla gama de sentimentos na família, como frustração, insegurança, medo, tristeza e desesperança. O nascimento de um filho costuma estar associado à construção de expectativas e idealizações acerca de seu desenvolvimento e futuro, compartilhadas por todo o núcleo familiar. Quando ocorre a ruptura dessas projeções, instaura-se um processo de adaptação que afeta todos os membros da família, exigindo reorganizações emocionais e práticas no cotidiano (PINTO et al., 2016).

Nesse contexto, é comum que os familiares vivenciem reações semelhantes às fases do luto, incluindo mecanismos de negação diante da perda do filho idealizado. Também podem emergir sentimentos de culpa, especialmente entre os pais, ainda que nem sempre sejam expressos de maneira explícita. Além disso, o desconhecimento acerca do transtorno tende a intensificar o impacto do diagnóstico, reforçando percepções de incerteza e sensação de perda, tornando o processo de aceitação ainda mais complexo (PINTO et al., 2016).

A partir dessa perspectiva, evidencia-se que a saúde mental das mães de crianças com TEA constitui uma importante questão de saúde pública, sobretudo diante do aumento significativo dos diagnósticos e das demandas emocionais associadas ao cuidado contínuo. Nesse cenário, observa-se elevada incidência de sofrimento psíquico, ansiedade, estresse e outros transtornos emocionais que comprometem diretamente a qualidade de vida dessas mulheres, tornando indispensável o acompanhamento psicológico especializado e o fortalecimento das políticas públicas voltadas ao acolhimento das mães atípicas (SOUZA; RODRIGUES; SILVA, 2025).

Oliveira e Cordeiro (2025) reforçam que o desejo materno se reorganiza entre o filho idealizado e a criança real com autismo, devendo ser compreendido de maneira singular, assim como o próprio TEA. Nessa perspectiva, não se pode afirmar que toda mulher deseja exercer a maternidade da mesma forma, tampouco que o diagnóstico inviabiliza a experiência materna. Os desdobramentos desse processo constituem experiências únicas, nas quais cada mãe encontra formas próprias de ressignificar a maternidade e lidar emocionalmente com a realidade apresentada (OLIVEIRA; CORDEIRO, 2025).

Além disso, a ausência de acolhimento institucional adequado no momento do diagnóstico pode potencializar sentimentos de desamparo, insegurança e sofrimento emocional, dificultando o processo de adaptação familiar diante da nova realidade (SOUZA; RODRIGUES; SILVA, 2025). Muitas mães relatam dificuldades no acesso a informações claras sobre o transtorno, bem como insuficiência de suporte emocional por parte dos serviços de saúde, o que evidencia fragilidades no acolhimento institucional às famílias de crianças com TEA (PINTO et al., 2016).

Dessa forma, torna-se necessária a implementação de práticas profissionais mais humanizadas, capazes de oferecer não apenas orientações técnicas acerca do transtorno, mas também suporte emocional às famílias no período pós-diagnóstico, favorecendo processos mais saudáveis de adaptação e enfrentamento (SOUZA; RODRIGUES; SILVA, 2025).

2.1.2. A Sobrecarga da Cuidadora Principal e a Invisibilidade Materna

A saúde mental materna tem se consolidado como importante objeto de estudo nas pesquisas contemporâneas, especialmente em razão da elevada prevalência de transtornos como ansiedade, depressão e estresse em mulheres em idade fértil, bem como pelos impactos dessas condições na relação mãe-filho (IRURITA-BALLESTEROS et al., 2019).

Segundo Pinto e Constantinidis (2020), a mãe costuma ser o membro familiar que realiza as maiores adaptações em seus papéis sociais e em sua rotina de vida diante das demandas de cuidado relacionadas ao filho com necessidades específicas. No contexto do TEA, os cuidados diários envolvem acompanhamento terapêutico, deslocamentos constantes, atividades relacionadas à saúde e suporte integral à criança, responsabilidades que historicamente são atribuídas majoritariamente às mulheres.

Alves, Gameiro e Biazzi (2022) destacam que, em razão de construções histórico-culturais, as mães assumem o papel de cuidadoras principais, dedicando-se intensamente às necessidades dos filhos, enquanto os pais, em muitos casos, permanecem associados ao papel de provedores financeiros e auxiliares eventuais no cuidado. Em consequência disso, muitas mulheres acabam abrindo mão da carreira profissional, da vida social e de projetos pessoais para atender às demandas contínuas da maternidade atípica.

Pinto et al. (2016) enfatizam que a sobrecarga materna relacionada ao cuidado de crianças com doenças crônicas encontra-se profundamente associada ao constructo histórico-cultural que atribui à mulher a função de cuidadora primária. Somado a isso, o vínculo afetivo estabelecido entre mãe e filho também contribui para o protagonismo materno no processo de cuidado.

Esse contexto pode desencadear importantes impactos físicos e psicológicos, associados a sentimentos de impotência, solidão, frustração e preocupação constante com o futuro da criança, comprometendo significativamente a qualidade de vida materna (ALVES; GAMEIRO; BIAZI, 2022). Além disso, mães de crianças com TEA apresentam maior predisposição ao estresse parental quando comparadas a cuidadores de crianças sem condições crônicas ou com outros transtornos do desenvolvimento (ALVES; GAMEIRO; BIAZI, 2022).

Apesar das dificuldades enfrentadas, muitas mães encontram na espiritualidade e na fé estratégias de enfrentamento emocional e fortalecimento psicológico diante das adversidades relacionadas ao cuidado contínuo (ALVES; GAMEIRO; BIAZI, 2022).

A invisibilidade materna manifesta-se, muitas vezes, na ausência de espaços de escuta e acolhimento voltados às necessidades emocionais dessas mulheres, uma vez que o foco dos atendimentos tende a concentrar-se prioritariamente na criança diagnosticada (PINTO; CONSTANTINIDIS, 2020). Nesse sentido, torna-se fundamental reconhecer que o cuidado à criança com TEA deve incluir também estratégias de promoção de saúde mental destinadas

aos cuidadores, especialmente às mães, que geralmente assumem a maior carga emocional e prática do cuidado (IRURITA-BALLESTEROS et al., 2019).

2.1.3. Estigma Social e Isolamento

O Transtorno do Espectro Autista é caracterizado por déficits persistentes na comunicação e interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, manifestando-se ainda nos primeiros anos da infância (RESENDE; CAMPOS, 2024).

Nas últimas décadas, observou-se aumento significativo no número de diagnósticos de TEA. Carvalho et al. (2025) apontam que esse crescimento pode estar relacionado à ampliação dos critérios diagnósticos, ao aumento da conscientização sobre o transtorno, ao diagnóstico precoce e ao reconhecimento do autismo como uma condição permanente do neurodesenvolvimento.

Apesar dos avanços científicos e sociais relacionados ao TEA, ainda persistem estigmas e preconceitos que afetam diretamente a vida das pessoas diagnosticadas e de seus familiares. Araújo, Silva e Zanon (2023) descrevem o estigma como uma condição que impede a aceitação social plena do indivíduo, associando-o a atributos depreciativos que reforçam padrões sociais de normalidade.

No contexto dos transtornos mentais e do neurodesenvolvimento, o estigma é frequentemente alimentado pelo medo do desconhecido e por crenças equivocadas acerca do comportamento das pessoas diagnosticadas. Dessa forma, indivíduos com TEA acabam sendo associados, de maneira inadequada, a características negativas, como agressividade, incapacidade ou imprevisibilidade, o que favorece processos de discriminação e exclusão social (ARAÚJO; SILVA; ZANON, 2023).

Além dos impactos vivenciados pela criança, o preconceito social também repercute diretamente na experiência materna, gerando sentimentos de constrangimento, julgamento e rejeição em espaços públicos devido aos comportamentos apresentados pelos filhos (SMEHA; CEZAR, 2011). Nesse contexto, o olhar social torna-se mais um fator de sofrimento emocional na vivência da maternidade atípica.

Smeha e Cezar (2011) afirmam que muitas mães percebem a reação negativa das pessoas diante da presença da criança autista como uma forma de preconceito. Frequentemente,

qualquer ofensa direcionada ao filho é sentida pela mãe como um ataque pessoal, intensificando sentimentos de fragilidade emocional e sofrimento psíquico.

Esse cenário evidencia que o estigma relacionado ao TEA ultrapassa a criança diagnosticada e alcança diretamente os familiares, especialmente as mães, que frequentemente internalizam os julgamentos sociais e desenvolvem sentimentos de isolamento e vulnerabilidade emocional (ARAÚJO; SILVA; ZANON, 2023). Dessa forma, torna-se indispensável ampliar as discussões sociais sobre o autismo, promovendo maior conscientização, inclusão e acolhimento às famílias de crianças com TEA.

2.2. A AUSÊNCIA DE SUPORTE E O ADOECIMENTO MENTAL MATERNO

2.2.1. Redes de Apoio Formais e Informais

Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) enfrentam dificuldades na realização de tarefas comuns, próprias de cada fase do desenvolvimento. Isso ocorre em função das características clínicas do transtorno, que aumentam significativamente a demanda por cuidados e elevam o nível de dependência em relação aos pais e/ou cuidadores. Nesse contexto, a família se vê diante do desafio de reorganizar seus planos, expectativas e rotinas, além de se adaptar à intensa prestação de cuidados exigidos pelas necessidades específicas da criança (CHRISTMANN, 2017).

Magalhães et al. (2020) destacam que os déficits associados ao TEA podem ocasionar prejuízos em diferentes áreas da vida, incluindo aspectos pessoais, acadêmicos e profissionais, variando desde dificuldades específicas de aprendizagem até comprometimentos mais amplos nas habilidades sociais. Dessa forma, torna-se necessário o acompanhamento multiprofissional, visto que o transtorno impacta múltiplas dimensões do desenvolvimento.

Esses desafios recaem diretamente sobre a família, que constitui o principal microsistema de desenvolvimento da criança. Nesse sentido, os pais não apenas exercem funções de cuidado, mas também atuam como modelos, mediadores da socialização e promotores do desenvolvimento infantil, assumindo papel central no estímulo às habilidades da criança (CHRISTMANN, 2017).

No contexto do cuidado, observa-se que, culturalmente, as mães são as principais responsáveis pela identificação de dificuldades, busca por diagnóstico e acompanhamento terapêutico dos filhos. Além disso, assumem a administração de prescrições médicas e o manejo

cotidiano das demandas comportamentais da criança, o que intensifica significativamente sua carga de responsabilidade (PINTO; CONSTANTINIDIS, 2020).

Segundo Souza, Rodrigues e Silva (2025), diante desse cenário, torna-se fundamental o fortalecimento de políticas públicas voltadas ao suporte dessas famílias, considerando a necessidade de equilibrar o cuidado da criança com TEA e a preservação da saúde física e mental das cuidadoras. As autoras ressaltam ainda a importância de reconhecer a mãe como sujeito de direitos, cuja sobrecarga exige amparo institucional e social.

No cotidiano, a rotina dessas mães é marcada por compromissos médicos frequentes, deslocamentos constantes a serviços especializados, realização de terapias, controle medicamentoso e demandas escolares específicas. Além disso, somam-se as responsabilidades relacionadas à organização do lar e, em muitos casos, à necessidade de conciliar o cuidado com o filho e a atividade laboral ou a geração de renda (MELO et al., 2025).

Diante dos desafios enfrentados por essas mães atípicas no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS), diferentes estratégias têm sido implementadas com o intuito de ampliar o acesso aos serviços e qualificar a atenção, favorecendo um cuidado mais humanizado e integral (MELO et al., 2025). Nesse sentido, destacam-se as equipes multiprofissionais da Atenção Primária à Saúde, organizadas por meio dos Núcleos Ampliados de Saúde da Família e Atenção Básica (NASF-AB), que reúnem profissionais de diferentes áreas e possibilitam ações como escuta qualificada, acompanhamento contínuo e suporte psicossocial, contribuindo para a redução do isolamento materno. Somam-se a essas iniciativas os grupos terapêuticos e rodas de conversa destinados a essas mães em serviços de saúde e instituições especializadas, os quais promovem acolhimento emocional, troca de experiências e orientação sobre direitos (SILVA et al., 2019).

Além disso, ações intersetoriais articuladas com a rede socioassistencial, especialmente os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) e os Centros de Referência Especializados de Assistência Social (CREAS), ampliam o suporte oferecido e fortalecem a rede de cuidado às famílias (SILVA et al., 2019). E em alguns municípios, também se destacam iniciativas de educação permanente voltadas aos profissionais de saúde, abordando temas como deficiência, neurodesenvolvimento e cuidado centrado na família. Essas formações contribuem para a desconstrução de estigmas, o fortalecimento de práticas mais empáticas e a qualificação do acolhimento às mães atípicas, além de favorecerem uma comunicação mais efetiva e o aprimoramento do vínculo terapêutico (MELO et al., 2025).

2.2.2. Psicopatologias do Cuidado: Do Estresse Crônico ao Burnout Materno

O adoecimento psíquico de mães de crianças atípicas tem se tornado uma preocupação crescente nos últimos anos, configurando-se como uma relevante questão de saúde pública que requer maior visibilidade e intervenções adequadas. Evidências recentes indicam que a prevalência de transtornos mentais, como depressão, ansiedade e síndrome de burnout, é significativamente maior entre mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e outras deficiências intelectuais quando comparada à população geral (BARBOSA et al., 2025).

Segundo Ponte e Araújo (2022), a função materna é construída na relação entre mãe e filho e envolve aspectos subjetivos, indo além do atendimento das necessidades básicas da criança. A maternagem inclui disponibilidade emocional, história de vida, investimento afetivo e recursos psíquicos mobilizados nessa relação (CONSTANTINIDES; SILVA; RIBEIRO, 2018).

Constantinides, Silva e Ribeiro (2018) observam que a mãe tende a assumir a maior parte da responsabilidade pelo cuidado do filho, sendo socialmente atribuída à mulher a função de cuidadora principal. Essa atribuição está relacionada a construções socioculturais que associam a maternidade ao afeto, ao cuidado e ao amor incondicional, naturalizando a sobrecarga feminina no contexto familiar.

No caso de mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), as demandas de cuidado tendem a se intensificar, fazendo com que a maternidade ocupe uma posição central na organização da vida cotidiana e contribua para a redução de atividades pessoais, sociais e profissionais, conforme apontam Constantinides, Silva e Ribeiro (2018). Nesse contexto, a mãe geralmente assume a maior parte dos cuidados e do manejo dos comportamentos da criança, o que acarreta mudanças significativas em sua rotina e pode gerar sentimentos de luto diante da diferença entre o filho idealizado e o filho real (PONTE; ARAÚJO, 2022).

Oliveira et al. (2025) apontam que dados do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) indicam um aumento progressivo na prevalência do Transtorno do Espectro Autista ao longo das últimas décadas. Em 2004, estimava-se um caso para cada 166 crianças; em 2012, um para cada 88; em 2020, um para cada 54; e, em 2023, um para cada 32 crianças nos Estados Unidos. Esse aumento evidencia não apenas maior detecção diagnóstica, mas também ampliação da demanda por suporte familiar e institucional.

Esse aumento na prevalência, associado às demandas contínuas do cuidado, contribui para a intensificação da sobrecarga materna. Conforme Irurita-Ballesteros et al. (2019), a sobrecarga prolongada está associada ao desenvolvimento de estresse crônico, ansiedade e sintomas depressivos em cuidadoras, especialmente quando não há suporte social e psicológico adequado.

A experiência de ter um filho com deficiência pode ser marcada por intensas frustrações e desafios emocionais. Muitas mães vivenciam um processo de luto relacionado ao filho idealizado. Nesse contexto, o diagnóstico pode modificar expectativas e projetos familiares, despertando sentimentos como angústia, culpa, raiva e perplexidade, além da busca por explicações e responsabilizações. Tais vivências podem gerar desequilíbrios nas relações familiares, uma vez que cada membro experiencia esses sentimentos de maneira singular (PONTE; ARAÚJO, 2022).

O estresse vivenciado por mães de crianças com TEA está relacionado às formas de enfrentamento das demandas cotidianas. Fatores como a gravidade do transtorno, a percepção de controle diante das situações e o suporte social disponível influenciam significativamente esse processo de ajustamento. Desse modo, quanto menor a intensidade dos sintomas do autismo e maior o apoio social recebido, mais favorável tende a ser a experiência materna no cuidado da criança com TEA (CONSTANTINIDES; SILVA; RIBEIRO, 2018). Esses fatores contribuem para níveis elevados de estresse crônico, podendo evoluir para quadros de esgotamento emocional quando não há suporte adequado.

2.2.3. O Impacto da Incerteza e a Ansiedade com o Futuro

Segundo Oliveira et al. (2025), o diagnóstico do TEA implica uma série de consequências, incluindo a reorganização do sistema familiar, processos de adaptação emocional e, em alguns casos, a negação inicial da condição. Esses elementos fazem parte do impacto psicológico vivido pelas famílias no período pós-diagnóstico.

Zapata, Rodrigues e Ferreira (2025) destacam que, no contexto da transição para a vida adulta de filhos com TEA, três aspectos são frequentemente relatados pelas mães: comportamentos desafiadores, questões relacionadas à sexualidade e desenvolvimento, e dificuldades de acesso a serviços formais. Embora algumas mães relatem melhora comportamental ao longo do tempo, essa fase continua sendo percebida como altamente complexa e desafiadora.

As autoras também apontam que a transição para a vida adulta não reduz a responsabilidade materna, sendo comum a permanência do cuidado ao longo de toda a vida do indivíduo com TEA. Essa realidade gera preocupações contínuas relacionadas ao futuro do filho, especialmente diante do envelhecimento das cuidadoras e da incerteza sobre quem assumirá os cuidados posteriormente (ZAPATA; RODRIGUES; FERREIRA, 2025).

Nesse sentido, a incerteza em relação ao futuro configura-se como um dos principais fatores de sofrimento psíquico materno, contribuindo para elevados níveis de ansiedade e desgaste emocional ao longo do ciclo de vida dessas famílias. Irurita-Ballesteros et al. (2019) reforçam que a exposição prolongada a esse contexto de estresse contínuo aumenta a vulnerabilidade a psicopatologias relacionadas ao cuidado, especialmente quando não há suporte emocional adequado.

2.3. PSICOEDUCAÇÃO E SUPORTE PSICOLÓGICO COMO FATORES DE PROTEÇÃO

2.3.1. A Psicoeducação como Ferramenta de Empoderamento

Araújo, Silva e Zanon (2023) destacam que, no contexto escolar e, especialmente, na formação de professores no Brasil, faz-se necessário o desenvolvimento de estratégias que ampliem o conhecimento docente sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), considerando também a necessidade de desconstrução de crenças e estigmas associados ao diagnóstico.

Nesse sentido, a escola desempenha papel fundamental no processo de inclusão social, sendo compreendida como um dos principais espaços de desenvolvimento de habilidades sociais, acadêmicas e ocupacionais da criança com TEA. Farias, Maranhão e Cunha (2008) ressaltam que a inclusão educacional constitui um dos principais instrumentos de inserção social, sendo essencial para o desenvolvimento global da criança e para sua participação ativa na sociedade.

Bianchi, Lepre e Campanharo (2023) reforçam que crianças com TEA devem estar inseridas no ambiente escolar e participar de todas as atividades propostas, sendo necessário que a escola promova adaptações pedagógicas e estruturais que favoreçam sua participação e interação social. Essas adaptações exigem formação adequada dos profissionais da educação, uma vez que a qualificação docente é essencial para atender às diferentes necessidades dos alunos com TEA.

Ainda segundo Bianchi, Lepre e Campanharo (2023), apesar das barreiras relacionadas à falta de conscientização e qualificação profissional, a inclusão escolar representa um direito fundamental e tem demonstrado impactos positivos no desenvolvimento das crianças com TEA, especialmente quando há interação entre pares e mediação pedagógica adequada.

Dessa forma, a psicoeducação se apresenta como uma ferramenta essencial de empoderamento familiar, uma vez que contribui para a compreensão do transtorno, reduzindo estigmas e fortalecendo a autonomia dos cuidadores no processo de desenvolvimento da criança (ARAÚJO; SILVA; ZANON, 2023).

2.3.2. O Papel da Psicoterapia e Grupos de Apoio

Magalhães et al. (2020) afirmam que a variabilidade dos sintomas do TEA e as intervenções terapêuticas influenciam diretamente a qualidade de vida do indivíduo e de sua família, uma vez que a comunicação e as interações sociais desempenham papel central no bem-estar emocional. O diagnóstico do TEA é predominantemente clínico, baseado na observação do comportamento, entrevistas com familiares e exclusão de outras condições clínicas.

Cossio, Pereira e Rodriguez (2017) destacam que a intervenção precoce é um fator determinante para o desenvolvimento da criança com TEA, sendo recomendada sua iniciação assim que o diagnóstico é estabelecido, ou seja, quanto mais cedo forem iniciadas as intervenções, maiores são as possibilidades de desenvolvimento de habilidades e redução de dificuldades futuras, especialmente quando realizadas de forma interdisciplinar e contextualizada.

Magalhães et al. (2020) complementam que o atendimento à criança com TEA exige a atuação de profissionais capacitados e o desenvolvimento de estratégias individualizadas, podendo envolver intervenções farmacológicas e psicossociais, além do trabalho de uma equipe multiprofissional voltada à atenção integral do indivíduo.

Ferreira et al. (2025) destacam que a inclusão da criança com TEA não depende apenas da família e da escola, mas também de uma mudança social mais ampla, que envolve a conscientização da sociedade e a implementação de políticas públicas efetivas que garantam os direitos das pessoas com autismo.

Nesse contexto, Pastorelli, Viana e Benicasa (2023) apontam que as redes de apoio podem ser organizadas em diferentes formatos, como grupos informativos, grupos de troca de experiências, atendimentos individuais e grupos de orientação. Quando mediadas por

profissionais da Psicologia, essas estratégias contribuem para a promoção da saúde mental, prevenção de agravos e fortalecimento emocional de pais e mães de crianças com transtornos do neurodesenvolvimento.

2.3.3. Repercussões do Bem-Estar Materno no Desenvolvimento da Criança

A vivência da maternidade envolve profundas transformações físicas, emocionais e sociais na vida da mulher, exigindo reorganização de papéis e responsabilidades. Nesse contexto, a presença de uma rede de apoio torna-se essencial, sendo considerada um importante fator de proteção à saúde mental materna e ao equilíbrio familiar (MEDINA; CANAL; BORGES, 2023).

Segundo Pastorelli, Viana e Benicasa (2023), a qualidade do suporte oferecido às mães de crianças com TEA influencia diretamente sua vivência da maternidade, podendo torná-la menos dolorosa e mais adaptativa. Os autores ressaltam ainda que redes de apoio eficazes contribuem para o aumento da autoconfiança materna no cuidado da criança e oferecem espaços importantes de escuta, acolhimento e compartilhamento de experiências.

Além disso, essas intervenções possibilitam a expressão de sentimentos relacionados ao luto, às angústias e às incertezas vivenciadas no processo de adaptação ao diagnóstico, favorecendo a elaboração emocional dessas experiências (PASTORELLI; VIANA; BENICASA, 2023).

Medina, Canal e Borges (2023) complementam que a rede de apoio pode ser compreendida como um conjunto de relações significativas estabelecidas pelo indivíduo, incluindo vínculos familiares, de amizade, profissionais e comunitários. Essas relações desempenham funções essenciais, como suporte emocional, orientação, auxílio prático, regulação social e facilitação do acesso a recursos e serviços.

Dessa forma, evidencia-se que o bem-estar materno está diretamente relacionado à qualidade das redes de apoio disponíveis, influenciando não apenas a saúde mental da mãe, mas também o desenvolvimento emocional e social da criança com TEA (MEDINA; CANAL; BORGES, 2023).

3. METODOLOGIA

Este artigo foi realizado por meio de uma revisão de literatura, a fim de identificar estudos que tivessem como tema os impactos da ausência de suporte emocional e de orientação

às mães atípicas após o diagnóstico de TEA. Segundo Dorsa (2020), a revisão oportuniza a elaboração de textos a partir de uma perspectiva histórica sobre determinado tema, colaborando assim para o crescimento de pesquisa sobre a área de estudo.

Trata-se de um estudo descritivo e qualitativo, do tipo revisão de literatura na modalidade narrativa. Esta abordagem analisa pesquisas relevantes que fornecem suporte aos profissionais de psicologia na condução de casos no campo profissional, melhorando a prática clínica, sintetizando o estado do conhecimento e identificando lacunas que merecem novos estudos. A escolha pela revisão narrativa se justifica pelo uso e análise de documentos de domínio científico, como livros, teses, dissertações e artigos científicos, sem recorrer diretamente a dados empíricos. Portanto, a pesquisa bibliográfica utiliza fontes secundárias, ou seja, as contribuições de autores sobre o tema (CAVALCANTE; OLIVEIRA, 2020).

O estudo foi realizado através da pesquisa nas seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), Google acadêmico. Para a pesquisa dos artigos foram utilizadas as palavras-chave: “autismo”, “mães atípicas”, “desafios no autismo”.

Para a realização deste estudo foram selecionados artigos e literaturas em língua portuguesa que abordassem os impactos da ausência de suporte emocional e de orientação às mães atípicas após o diagnóstico de TEA. Durante a pesquisa observou-se à escassez de estudos recentes sobre o tema específico, sendo necessário abranger pesquisas e artigos publicados entre 2008 e 2026, que ainda são relevantes e oferecem uma base sólida para a análise. Artigos e dados que não ofereciam informações pertinentes à temática investigada foram excluídos.

A utilização dessas fontes mais antigas é justificada pela sua contribuição significativa para a compreensão do tema, bem como pela continuidade e evolução das discussões acadêmicas que ainda são pertinentes no contexto atual. A pesquisa foi realizada de fevereiro de 2025 a maio de 2026, mediante um levantamento de obras literárias já publicadas, destacando a confiabilidade e a ideologia dos mesmos.

Após a etapa de identificação das fontes, foi necessário analisar o material a ser descrito neste artigo. Para isso, foram lidos, primeiramente, os resumos de cada artigo pesquisado, havendo ligação com o tema, eram verificadas as introduções, tendo estas um bom embasamento, o artigo era selecionado. Depois foi feita uma leitura atenta dos resultados e discussão, para um melhor entendimento do assunto abordado no artigo. E então eram verificadas as considerações finais, para saber as conclusões dos artigos. A partir da realização

dessas etapas o trabalho foi sendo elaborado, ocasionando uma seleção de ideias autorais, como também, observando e destacando o material necessário.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente revisão bibliográfica permitiu identificar que a ausência de suporte emocional e de orientações adequadas às mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) constitui importante fator de risco para o adoecimento psíquico materno. Os estudos analisados evidenciam que o período após o diagnóstico é marcado por intensas mudanças emocionais, sociais e familiares, exigindo processos de adaptação frequentemente acompanhados por sofrimento psicológico.

Conforme discutem Pinto e Constantinidis (2020), o diagnóstico do TEA produz impactos que ultrapassam a condição clínica da criança, afetando diretamente toda a dinâmica familiar. Observou-se que muitas mães experimentam sentimentos de medo, angústia, insegurança e culpa diante das incertezas relacionadas ao desenvolvimento do filho e às demandas futuras de cuidado.

Os resultados encontrados também demonstram que a centralização das responsabilidades de cuidado sobre a figura materna favorece elevados níveis de sobrecarga emocional, ocasionando dificuldades para conciliar vida pessoal, profissional e familiar, além de apresentarem sinais frequentes de estresse crônico, ansiedade e exaustão emocional (CONSTANTINIDES; SILVA; RIBEIRO, 2018)

Segundo Carvalho et al. (2025), a carência de suporte contribui significativamente para sentimentos de desamparo e isolamento social. Sendo essa fragilidade das redes de apoio social e institucional um dos aspectos recorrentes na literatura, onde muitas mães relatam ausência de acolhimento profissional adequado logo após o diagnóstico, bem como dificuldades no acesso a informações claras sobre o transtorno e aos serviços especializados.

Outro ponto bastante evidenciado na literatura é que o preconceito e a falta de compreensão social acerca do TEA intensificam o sofrimento emocional das mães atípicas. Frequentemente, essas mulheres enfrentam julgamentos sociais relacionados ao comportamento da criança, além de dificuldades de inclusão nos ambientes escolares e comunitários (ARAÚJO, SILVA, ZANON, 2023).

Em relação à saúde mental materna, os estudos apontam elevada incidência de sintomas de ansiedade, depressão e burnout entre mães de crianças com TEA. O burnout materno

caracteriza-se pelo esgotamento físico e emocional decorrente da sobrecarga contínua associada à maternidade, sendo agravado pela ausência de suporte familiar e psicológico (CONSTANTINIDES; SILVA; RIBEIRO, 2018).

Dessa forma, Pastorelli, Viana e Benicasa (2023) enfatizam que o suporte emocional e a psicoeducação exercem efeitos positivos significativos no enfrentamento das dificuldades relacionadas ao transtorno. O acompanhamento psicológico contínuo mostrou-se capaz de promover fortalecimento emocional, melhoria das estratégias de enfrentamento e redução dos níveis de sofrimento psíquico.

Além disso, o compartilhamento de experiências entre mães atípicas, o acolhimento familiar e o acompanhamento multiprofissional contribuem para redução da sensação de isolamento e melhoria da qualidade de vida dessas mulheres. Assim, a presença de redes de apoio formais e informais atua como importante fator de proteção à saúde mental materna. (MEDINA; CANAL; BORGES, 2023).

Segundo Scamati, Cantorani e Picinin (2025), o crescimento da inclusão de crianças com TEA nos ambientes escolares exige maior preparo das instituições e ampliação das estratégias de suporte às famílias. Nesse sentido, torna-se necessário compreender que o cuidado em saúde deve ultrapassar o atendimento exclusivo à criança, contemplando também as demandas emocionais e psicossociais dos cuidadores.

Dessa forma, os resultados desta revisão reforçam a importância da implementação de políticas públicas voltadas ao acolhimento integral das famílias de crianças com TEA, especialmente das mães, considerando sua vulnerabilidade emocional diante das demandas impostas pelo transtorno. Evidenciando-se, portanto, a necessidade de fortalecimento das redes de apoio psicológico, social e institucional, bem como da ampliação das práticas de psicoeducação e assistência multiprofissional.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta revisão narrativa teve como objetivo compreender como a ausência de suporte emocional e de orientações adequadas pode impactar mães atípicas e demais responsáveis após o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), com foco nas repercussões para a saúde mental e para a qualidade de vida dessas mulheres. Além disso, buscou-se refletir sobre possibilidades de apoio que contribuam para um enfrentamento mais saudável dessa realidade.

A partir da análise dos estudos, foi possível perceber que o momento do diagnóstico representa uma mudança importante na organização familiar, não apenas no aspecto prático do cuidado, mas também no campo emocional. A chegada desse diagnóstico costuma romper expectativas construídas ao longo da gestação e da infância, exigindo uma reorganização interna que nem sempre ocorre de forma imediata ou tranquila. Nesse processo, sentimentos como insegurança, medo e sobrecarga aparecem com frequência, especialmente entre as mães, que geralmente assumem a maior parte das responsabilidades.

Outro ponto que se destaca é o quanto a divisão do cuidado nem sempre acontece de forma equilibrada dentro da família, o que pode levar a uma centralização das demandas na figura materna. Isso, somado à falta de orientação clara e de apoio emocional consistente no período pós-diagnóstico, tende a intensificar o desgaste psicológico e o sentimento de solidão vivenciado por muitas dessas mulheres.

Diante disso, fica evidente que não se trata apenas de um desafio individual, mas de uma questão que envolve também a forma como os serviços de saúde, a rede de apoio e a sociedade como um todo acolhem essas famílias. O suporte emocional, a escuta qualificada e a psicoeducação aparecem como elementos importantes para auxiliar na adaptação e no fortalecimento dessas mães ao longo do processo.

Por fim, observa-se que ainda há uma necessidade significativa de ampliar os estudos e debates sobre o tema, especialmente considerando que essas mulheres nem sempre recebem a visibilidade e o suporte necessários. Espera-se que este trabalho possa contribuir para uma reflexão mais sensível sobre a realidade das mães atípicas, incentivando práticas mais humanizadas e comprometidas com o cuidado integral dessas famílias.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. S.; GAMEIRO, A. C. P.; BIAZI, P. H. G. Estresse, depressão e ansiedade em mães de autistas: revisão nacional. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 39, n. 120, p. 412-424, 2022. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862022000300011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 abr. 2026. <https://doi.org/10.51207/2179-4057.20220031>.

ARAÚJO, A. G. R.; SILVA, M. A.; ZANON, R. B. Autismo, neurodiversidade e estigma: perspectivas políticas e de inclusão. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 27, e247367, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-247367>. Acesso em: 17 abr. 2026.

BARBOSA, P. C. P.; MACÊDO, O. J. V.; PINHEIRO, A. A. G.; ALENCAR, J. L. C.. Mães atípicas: desafios da maternidade. **Id on Line Revista de Psicologia**, v. 19, n. 77, 2025. DOI:

<https://doi.org/10.14295/idonline.v19i77.4228>. Disponível em:
<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/4228>. Acesso em: 18 maio 2026.

BIANCHI, V. A.; LEPRE, R. M.; CAMPANHARO, A. S. A inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **SciELO Preprints**, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.5565>. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/5565>. Acesso em: 12 abr. 2026.

CARVALHO, Wedja et al. Transtorno do Espectro Autista: desafios diagnósticos, fatores etiológicos e estratégias terapêuticas. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 7, p. 1247-1267, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2025v7n12p1247-1267>. Acesso em: 01 mar. 2026.

COSSIO, A. do P.; PEREIRA, A. P. da S.; RODRIGUEZ, C. C. Benefícios e nível de participação na intervenção precoce: perspectiva das mães de crianças com perturbação do espectro do autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 23, n. 4, p. 505-516, out. 2017. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382317000400003>. Acesso em: 09 mar. 2026.

CONSTANTINIDIS, T. C.; SILVA, L. C.; RIBEIRO, M. C. C. “Todo mundo quer ter um filho perfeito”: vivências de mães de crianças com autismo. **Psico-USF**, v. 23, n. 1, p. 47-58, 2018. <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230105>. Acesso em: 17 abr. 2026.

CHRISTMANN, M. et al. Estresse materno e necessidade de cuidado dos filhos com TEA na perspectiva das mães. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v. 17, n. 2, p. 8-17, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072017000200002. Acesso em: 12 abr. 2026.

FERREIRA, O. do N. et al. Inclusão escolar de alunos com TEA: desafios e possibilidades. **Revista Foco**, v. 18, n. 6, p. e9055, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v18n6-224>. Acesso em: 07 maio 2026.

FARIAS, I. M. de; MARANHÃO, R. V. de A.; CUNHA, A. C. B. da. Interação professor-aluno com autismo no contexto da educação inclusiva. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 14, n. 3, p. 365-384, 2008. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382008000300004>. Acesso em: 09 mar. 2026.

IRURITA-BALLESTEROS, C. et al. Saúde mental e apoio social materno: influências no desenvolvimento do bebê. **Contextos Clínicos**, v. 12, n. 2, p. 451-475, 2019. <https://doi.org/10.4013/ctc.2019.122.04>. Acesso em: 18 abr. 2026.

MAGALHÃES, J. M. et al. Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa. **Enfermería Global**, v. 19, n. 58, p. 531-559, 2020. <https://dx.doi.org/eglobal.356741>. Acesso em: 09 mar. 2026.

MEDINA, J.; CANAL, M.; BORGES, C. D. Implicações da rede social significativa para a mulher no puerpério. **Boletim da Academia Paulista de Psicologia**, v. 43, n. 104, p. 51-63, 2023. <https://doi.org/10.5935/2176-3038.20230006>. Acesso em: 19 abr. 2026.

MELO, W. A. S.; VILLAFRANCA, B. A. A.; FRERES, S. C.; NEIVA, V. C.; REGGIANI, T. A. S.; ALENCAR, G. da C.; COSTA, F. Z. da; ARAÚJO, C. F. da S.; SOUZA, L. F. de. Desafios e Estratégias no Atendimento a Mães Atípicas no Sistema Único de Saúde (SUS): Uma Revisão Integrativa. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, [S. l.], v. 7, n. 7, p. 1628–1640, 2025. DOI: 10.36557/2674-8169.2025v7n7p1628-1640. Disponível em: <https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/6119>. Acesso em: 19 maio. 2026.

OLIVEIRA, F. G. et al. Diagnóstico do transtorno do espectro autista de alta funcionalidade: revisão de escopo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 31, e00093, 2025. <https://doi.org/10.1590/1980-54702025v31e0093>. Acesso em: 09 mar. 2026.

OLIVEIRA, N. F.; CORDEIRO, S. N. A maternidade de crianças autistas na psicanálise lacaniana. **Estilos da Clínica**, v. 30, n. 1, p. 84-99, 2025. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v30i1p84-99>. Acesso em: 18 abr. 2026.

PASTORELLI, S.; VIANA, C.; BENICASA, M. Maternidade atípica: caracterização do sofrimento e seus enfrentamentos. **Revista Acadêmica Online**, v. 10, p. 1-21, 2024.

PINTO, R. N. M. et al. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, n. 3, e61572, 2016. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.61572>. Acesso em: 05 abr. 2026.

PINTO, A. S.; CONSTANTINIDIS, T. C. Revisão integrativa sobre a vivência de mães de crianças com TEA. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 12, n. 2, p. 89-103, 2020. <https://doi.org/10.20435/pssa.voio.799>. Acesso em: 01 mar. 2026.

PONTE, A. B. M.; ARAUJO, L. S.. Vivências de mães no cuidado de crianças com transtorno do espectro autista. **Revista do NUFEN**, Belém, v. 14, n. 2, p. 1-15, 2022.

RESENDE, S. D.; CAMPOS, S. M. Transtorno do espectro autista: diagnóstico e intervenção psicopedagógica clínica. **Revista Psicopedagogia**, v. 41, n. 125, p. 350-365, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.51207/2179-4057.20240034>. Acesso em: 01 mar. 2026.

SILVA, I. C. B. da et al. O processo de trabalho do Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 17, n. 1, p. e0018009, 2019.

SCAMATI, V.; CANTORANI, J. R. H.; PICININ, C. T. Os desafios na aprendizagem de indivíduos com TEA: uma revisão. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 33, n. 126, e0254453, 2025.

SMEHA, L. N.; CEZAR, P. K. A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo. **Psicologia em Estudo**, v. 16, n. 1, p. 43-50, 2011.

SOUZA, J. C. P.; RODRIGUES, E. L.; SILVA, T. S. O amparo psicológico às mães atípicas: revisão bibliográfica. **Revista Foco**, v. 18, n. 11, e10361, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v18n11-003>. Acesso em: 12 abr. 2026.

ZAPATA, P. D.; RODRIGUES, A. L.; FERREIRA, R. E. R. Permanecendo no ninho: experiências de mães de autistas na transição para a vida adulta. **Psicologia USP**, v. 36, e240140, 2025. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e240140>. Acesso em: 09 mar. 2026.